

“E ela, naquele afã, mudando modo e direção do nado, virava-se na água, observava-se em todas as luzes, contorcia-se sobre si mesma; e sempre aquele ofensivo corpo nu lhe vinha atrás. Era uma fuga do seu corpo o que ela estava tentando...”.

*“Aventura de uma banhista”, Ítalo Calvino.*

Gostaria de apresentar aqui no EncontrADA uma versão não acadêmica da Vênus, da minha Vênus. Porque ao longo dos meses me acostumei a encarar o céu de afetos que temos aberta como a Vênus. Explico. Mas antes, devo começar pelo final.

De onde posso tirar a homenagem ao feminino no meu trabalho? Primeiro, contarei uma anedota: acaso, na apresentação que fiz na Unicamp, estavam tendo protestos contra os estupros acontecidos na área. Treino para a marcha das vadias, daí que nas perguntas depois da apresentação, me interpelaram sobre qual seria a relação do meu trabalho com o *feminismo*.

Imediatamente lembrei da minha família. E com uma certa nostalgia dos tempos de fortaleza contei a história da bisá, da avó e da mãe e tia e prima.

É difícil colocar em palavras décadas de histórias, tento resumir em significados que no mundo até hoje são utópicos. Cresci num ambiente de liberdade e aparente igualdade, não havia homofobia, não havia pudor com a nudez e mamãe sempre me jogou no mundo. Meu bisavô era caixeiro viajante e minha bisavó viajava com ele. Tinha tatuagem e uma das histórias famosas é que foi a primeira mulher a andar de carro em Parajuru (CE). Significados hoje clichês, mas que na época era de uma ousadia marginal. Aos doze anos, num aniversário, vovó lúcida fingindo de doida bulinou um parente da minha tia, eu e mamãe rimos de chorar da ousadia da veia. São momentos simples, não teorizados, que afirmavam a liberdade delas.

Minha avó é um pouco mais séria, sempre lutou pela educação e saúde de quem tivesse perto. Levava desconhecidos para capital, exame, cirurgia, cadeira de rodas, de tudo aquela mulher arranjou. Estudou até a terceira série, mas quando tinha nove anos ganhou seu primeiro livro, sobre como ler e escrever português direito e o segundo livro foi Dom Quixote. Parece que pra sempre aquela loucura potente fez com que minha avó acreditasse na mudança e puxei a teimosia dela.

Se existe cultura popular pra mim, a minha avó representa. Ela é o feminismo sem Simone de Beauvoir. Tanto que na adolescência discute bastante com ela, porque as vezes invertia e acabava tornando o homem a mulher do passado. Cresci com uma avó feminista e tudo o que eu queria era inverter e desconstruir. Agora a entendo e entendo a luta.

Minha mãe se formou em Filosofia e foi mãe solteira. A diferença agora é que minha mãe conheceu essa dimensão do conhecimento onde se eleva um “poder” - ou uma subjetividade eurocêntrica e

ocidental – que no povo não existe interesse. Ela sempre detestou a academia, mesmo assim fez pós em existencialismo e psicologia pra adolescentes. É difícil falar de mãe e família, mas é importante que entendam de onde tiro a coragem e a força. Minha mãe é, provavelmente, a melhor professora do mundo. Dou esse título porque ela tá aí há mais de trinta anos, ensinando em diversas periferias – desde os anos de projeto Rodon na Amazônia (junto com a minha tia dentista) até interiores e periferias marginais de fortaleza – e nunca vi alguém que goste dela gostar falsamente. Mais de trinta afilhados não provam o quanto a Rita foi importante pro bairro da Varjota, Mucuripe e redondezas, ela ajuda a organizar desde bingo, batizado, enterro, se a pessoa precisa de um favor, igual gangster, lá tá a minha mãe pra ajudar. Porque ela é franciscana, sim, mas porque ela sabe que só assim vivemos bem. Assim, explico um pouco o cenário em que cresci e porque proponho pensarmos sem o aspecto moralizante do PAI ESTADO, porque fui criada no ambiente do Feminino. Libertador e lindo feminino.

Outro motivo que este texto possa homenagear é utilizando a contemplação que Nietzsche demonstra sobre o feminino. Aquele que ri, dança que transgredi na dissimulação, que brinca. Portanto, peço às ouvintes que se desnudem conceitualmente. Que escutem o texto do trabalho e os quadros, com a visão da criança feminina que Nietzsche tanto homenageia.

Agora eu quero mostrar que é possível ser libertário dentro do contexto do cotidiano. Que não precisa de muitas teses para você sentir-se igual nos ambientes de trabalho e ócio. Na academia para chegar a essa discussão me utilizo da história da arte e de conceitos neoplatônicos já estabelecidos como influenciadores da Vênus de Botticelli. Utilizo como base o autor Georges Didi-Huberman, que constrói uma crítica a iconologia clássica que distancia o nu do corpo, iguala a uma categoria de desenho, moralizando o desejo, escondendo e tornando-o perverso.

A tradição ela mesma se trai. Você percebe isso na leitura dos textos, os quais eu chamo de inimigos, Kenneth Clark e Panofsky. Porque ler os inimigos? Porque assim fazemos uma genealogia, a gênese da repressão do corpo. E desde muito tempo caminhou junto a subjetividade, a apreciação estética da arte e a criação de vontades e desejos de acordo com o jogo (ou dança) entre interdição e transgressão.

Na Mitologia grega há duas Vênus: Celeste e Vulgaris. Na mitologia grega existe a Vênus celeste filha de Uranus, ela parte de uma esfera totalmente imaterial, simboliza o esplendor primeiro e universal divino, como também sua bondade e beleza. A Vênus celeste fica entre a inteligência humana e Deus. A outra Vênus é a Vênus Vulgaris, filha de Zeus, que nasce do esperma na espuma do mar, representa a beleza divina encarnada no mundo físico.

Na Renascença tivemos Ficino, Pic de Mirandole, entre outros como pensadores que influenciaram a teoria entorno das representações da Vênus. É a deusa do amor. Segundo Ficino, do qual teve bastante influencia na renascença, o amor era dividido em três: o amor divino,

que corresponde ao intelecto, o amor humano, que corresponde a todas as outras faculdades da alma e, por fim, o amor bestial que corresponde a loucura. Por se tratar da representação de um Deus, visto que o divino é ligado ao ideal de beleza, o nu fica estacionado no desenho, ignorando o aspecto carnal, como também negando que exista desejo. Segundo Clark, o nu tem um fim em si mesmo, que é proteger na arte a beleza do que se chama vulgaridade do corpo. Já que a imagem divina é a representação do que se considera perfeito e, portanto, inacessível ao homem, a imagem não pode estar ligada ao que justamente torna o homem submisso: sua finitude, sua animalidade desconhecida e o pecado original como comprovação desta separação. Adão e Eva quando cometem o pecado, o primeiro castigo é se depararem nus.

Não pretendo criar mais uma teoria sobre o que Botticelli pensou ao fazer a Vênus ou o que ele *quis*. Porém, o que quero – pensando no querer-saber de Heidegger sim – é demonstrar que por um lado a história da arte e a tradição criaram interdições se utilizando da arte. Querer propor outros pontos de contemplação, como o Huberman chama.

A Vênus é símbolo de beleza e divindade. É a representação do que o Homem (com H maiúsculo) vê ao que julga ser o amor (o amor é o sentimento mais belo, certo?). Construimos significados de beleza ao longo dos séculos sempre distanciando o “real” do que “é” realmente belo. Desde Ficino, passando por Clark e Panofsky, tentam através de conceitos intelectuais, geométricos, matemáticos, técnicos e científicos distanciar o que achamos belo do corpo. Libertou-se disso ao longo dos séculos, mas ainda não libertamos a mulher desse significado do belo, intangível e distante. A mulher no senso comum, acredita que o cabelo, a roupa, o sapato e a bolsa devem seguir o seu modelo distante, seja a modelo da Globo ou a atriz de Hollywood. Devem seguir os significados estéticos que lhe apreendem através da mídia e etc.

E não só a mulher do senso comum. Todas nós, acabamos por criar nossas próprias subjetividades, porque não nos é dado o direito ao erotismo, sem que alguém reclame por uma vulgaridade. Vulgar é quem pensa que é vulgar. Até mesmo o produto sexo coisificado distribuído pela internet e pelo pornô, mesmo coisificado, tem a potencia de transgressão.

E se não existisse a interdição? E se não existisse a censura, a vergonha e o pudor? Se estes afetos não me atingissem que tipo de subjetividade, que tipo de significado poderia existir nos contextos estéticos, políticos e cotidianos da vida?

Pergunto isto, por dentro da leitura do texto “Abrir Vênus” do Huberman, visualizo os pontos de contemplação dessa maneira: primeiro a teoria tradicional castrou o nu a categoria de desenho, depois com a Revolução Industrial e daí podemos pensar na construção de sistemas de controle, onde o bordel tem esse papel de localizar e esconder as perversões sexuais, para manter o sistema. Uma dialética entre o proibido e o vulgar. Porém, o erotismo persiste

em se libertar desse estigma moralizante. E para isso é o representante máximo é Georges Bataille. Meu amor.

Apresentei os inimigos moralizantes, agora vos apresento os amigos que lutam para que se possa encarar a nudez como um momento de êxtase. A isso o autor chama de processo de abertura.

A Vênus de Bataille se chama Madame Edwarda. Ela é uma puta e ele a chama de Deus. E por que Deus?

A ideia de Deus sempre serviu para explicar ao “Homem” porque estamos aqui, nesse planeta e bla bla bla, logo Deus sempre serviu como essência humana. E Bataille ao estudar o processo de passagem do animal para a consciência de reprodução e morte, percebeu que o êxtase provocado pelo Eros (e quem sabe podemos incluir o amor aqui?) fazem parte da essência humana. O que explica a nossa existência é o amor.

Chegamos aonde nos leva a pergunta mais espantosa e por isso filosófica. O que explica a vida? Se não o próprio movimento de geração, ou seja o sexo? Porque durante muito tempo existiu a instituição casamento que controlava essa essência, mas a medida que vemos em diversas revoluções, feminina, democrática, etc. podemos perceber que temos uma liberdade de pensar o corpo e teorizar sobre os inimigos de maneira a propor uma nova história. Uma história com voz feminina. E, por isso, em última instância meu trabalho é um trabalho político. Porque se a sociedade construir uma história, cuja a representação do belo for corporal, próxima de nós, sem pudor ou vergonha, conseqüentemente a vida vai ser mais feliz e menos frustrada. Como damos acesso a felicidade hoje, senão por remédios, uso “proibido” de prazeres interditos, falsos relacionamentos monogâmicos e moralidades dentro de cada rede específica. A sociedade como um todo é formada por pequenos grupos. E em todos existe uma moralidade específica.

Por isso a mitologia do corpo, do início do texto, para que entenda a potência que nosso corpo carrega quando nos libertamos e abrimos nosso corpo a ter domínio do espaço e do tempo.

*Faço uma performance agora, como questionamento contemporâneo do nu. Faço, para homenagear os performers Antonio Manuel e Márci X, que marcaram com coragem uma época. Faço também para ilustrar o momento silencioso da contemplação do nu.*